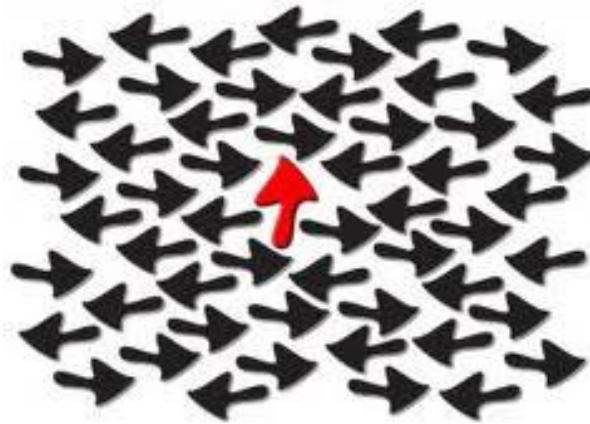


# POR QUE TUDO MUDA?

Jorge Vulibrun <sup>1</sup>



Vivemos num mundo em constante transformação, onde os processos se apresentam como um redemoinho que resiste a nossos intentos de controlá-lo. Essa mutabilidade acaba nos confirmando que todos os processos com os quais nos relacionamos, inclusive nós mesmos, carecem de substância duradoura, eles são intrinsecamente vazios. Este fato, que o budismo chama de *avidia*, ‘ignorância fundamental’, é a fonte principal de nossas angústias. Por isso, é essencial entender o porquê de essa impermanência.

O texto seguinte refere-se a problemas encontrados na predição de fenômenos meteorológicos (Weiner, Jonathan; Planeta Terra; Martins Fontes, 1988; pág.105):

*“A partir dos dados meteorológicos organizados e simplificados, os computadores estão programados para aplicar as leis físicas, calculando o modo como uma massa de ar pode afetar as massas de ar vizinhas. Cinco equações são suficientes para a descrição dessas leis (apesar de poderem ser adicionadas mais, como complemento daquelas). Essas cinco equações do movimento incluem as leis do movimento formuladas por Sir Isaac Newton, a terceira das quais é: ‘para toda ação existe uma reação igual e oposta’. Esta é a fatídica formulação, porque as reações são precisamente aquilo que torna complicada a evolução da atmosfera. Cada movimento sofre, de certa forma, o efeito decorrente da ação de todos os*

---

<sup>1</sup> Este trabalho inclui trechos do livro do autor: “Yi JIng (I Ching) O Livro Das Mudanças; O que é, para que serve e como se usa este livro milenar”, que pode ser encontrado neste mesmo site [www.yijingorienta.com.br/](http://www.yijingorienta.com.br/).

*outros que lhe estão próximos, tal como quando lançamos várias pedras num lago, as ondulações respectivas interagem e misturam-se. As equações em si são elegantemente simples e todas elas cabem no verso de um postal. Mas o mar de movimentos que descrevem é extremamente complexo."*

Essa descrição pode ser estendida ao comportamento humano. Também aqui temos um conjunto de regras que cabem num postal, sejam os Dez Mandamentos, as normas confucianas ou as formulações éticas de outras culturas. Mas sua aplicação no mundo da interação humana real tem as mesmas dificuldades do que a predição meteorológica, já que as reações dos outros a nossas ações, e as nossas reações às ações deles, são incontrolláveis, tanto mais quanto maior for a quantidade de interações. Cria-se assim uma rede cada vez mais ampla de incertezas que lembram pedras que caem num lago produzindo ondas concêntricas que se irradiam em todas as direções, superpondo-se.

Essa é a visão de mundo que o Yi Jing, o Livro das Mudanças, nos transmite: **o homem está imerso numa rede interdependente** e o livro, com seus hexagramas constantemente em mutação, nos oferece um referencial, um guia para nos movimentarmos dentro dessa rede. Ele se apresenta como uma bússola que permite nos orientar na aparente confusão dos processos.

O Yi Jing nos diz que as coisas mudam de forma parecida ao encontro de duas pessoas. Cada uma delas vinha percorrendo seu caminho, seguindo o seu próprio *dao*. Para cada uma delas existe o certo e o errado, o desejável e o indesejável; esses valores, porém, não coincidem necessariamente entre elas: o que é bom para uma não o é para a outra. Quando os dois caminhos se encontram, interagem e, assim como na atmosfera ou no lago, sofrem desvios resultantes das novas circunstâncias. É, portanto, desse encontro, dessa interação, que aparece o câmbio, a mudança.

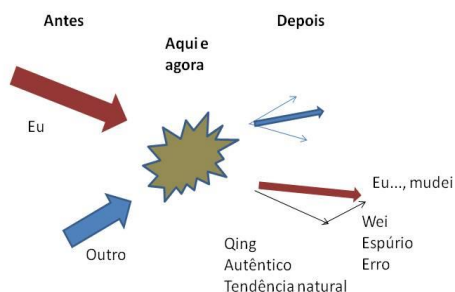
Isso não quer dizer que um dos caminhos seja melhor do que o outro, nem que um deva predominar sobre o outro. O que é enfatizado é que é inevitável que a ação de um sobre o outro os influenciem mutuamente, resultando em... mudanças.

Wang Bi diz (226-249 d.C.) (em Lynn, pág.27):

*"O que é mudança? É o que nos é trazido pela interação da 'tendência natural das coisas' [情 qíng] e suas 'contratendências espúrias' [偽 wèi]" [ou, numa outra versão do mesmo tradutor] "... pelas coisas como realmente são [qíng] e sua tendência a ser o que por sua natureza não são [wèi]"<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> 情 qíng (etimologicamente, uma planta que cresce no nosso coração): "O que uma pessoa realmente sente; sentimentos, emoções, paixões; coração, natureza humana, disposição; simpatia, compaixão; circunstâncias; os fatos de uma situação; a verdade de um assunto, verdadeiro, sincero; no Budismo: senciência; faculdade, habilidade; pensamento, mente, emoção". // 偽 wèi (etimologicamente, um macaco... que parece homem, mas não é): "Falso, não real, falsificado; inautêntico, simulado; falsificar, mentir; plagiar; enganar, pretender, simular; errado, equivocado". [Cf.: Espúrio: "Não genuíno; suposto, hipotético; que não é do autor ao qual se atribui; adulterado, modificado, falsificado. Ilegítimo, ilegal".



Vemos que em chinês existem conotações e ressonâncias que enriquecem o significado do conceito ‘mudança’. *Qing* não somente inclui “o que as coisas são”, mas também faz referência às nossas emoções, paixões, e, por extensão, vontades e desejos. O conceito é tão geral que os budistas o escolheram para expressar a capacidade de sentir de todos os seres vivos. Devemos destacar que está implícito que ao sentirmos uma emoção ela é verdadeira: não há espaço para duvidar de uma emoção sentida. Podemos não

aceitá-la, podemos confundi-la com outra, podemos até tentar reprimi-la, mas certamente a sentimos.<sup>3</sup>

Por outro lado, *wèi* não deve ser considerada como “falsidade” absoluta ou referida a um conjunto de padrões “corretos” por natureza ou por definição. Uma atitude que pode ser correta para outra pessoa é errada para mim; objetivos corretos para as características e circunstâncias de outra pessoa são completamente inadequados para mim. Como o reverso também é válido fica claro que, no andar pelo próprio caminho, produzir-se-ão ondas de choque resultantes do encontro entre as duas ‘direções corretas’, com o resultado de uma correspondente mudança de rumo nas duas partes. Essas contra tendências espúrias não são nossas, não estão na nossa natureza, mas se nos impõem pela simples interação com o mundo que nos rodeia e acabam limitando e interferindo na manifestação das tendências que, estas sim, são nossas. Temos aqui, pulando por cima do tempo e da distância, o “*eu sou eu e minhas circunstâncias*” de Ortega e Gasset, no qual ‘eu’ refere-se a ‘*qíng*’, o que é autenticamente ‘meu’, e as ‘circunstâncias’ a ‘*wèi*’, o que me é imposto pelo que me rodeia e que, portanto, não é meu mas faz parte integrante do meu viver (o que Ortega chamava de ‘horizonte vital’).

Wang Bi faz, na realidade, uma reinterpretção de um texto que já aparece no Xi Cí (XII,2), o mais filosófico dos apêndices do Yi Jing:

***Os grandes sábios [...] exauriram o autêntico e o espúrio pela organização dos hexagramas.***

No Xi Cí o *qíng wèi* é algo que se expressa nos hexagramas (porque eles se constituem em um modelo de como as coisas funcionam), entanto Wang Bi os apresenta como sendo a própria causa das mudanças, reforçando a relação existente entre os hexagramas e as mudanças das situações vitais que experimentamos.

Adicionalmente, devemos lembrar que um dos conceitos fundamentais do taoísmo é que os pares complementares geram-se uns aos outros, aparecendo,

<sup>3</sup> Interessante destacar o paralelismo com o *cogito* de Descartes: tanto a emoção quanto o pensamento se nos impõem no nosso campo mental.

**necessariamente**, ao mesmo tempo e relativos um ao outro. Assim, no Dao De Jing, cap. II, se diz:

*No Universo podemos ver beleza somente porque há fealdade.  
Conhecemos o bem como bem somente porque há o mal.  
Em consequência,  
ter e não ter aparecem mutuamente,  
difícil e fácil se complementam mutuamente,  
curto e longo se contrastam mutuamente,  
alto e baixo se firmam mutuamente,  
voz e som se harmonizam mutuamente,  
frente e detrás se seguem mutuamente.  
Portanto, [...] os dez mil processos crescem e caem sem cessar.*

Em função da relatividade própria dos conceitos, o que é verdade para nós é errado para outros e sempre vamos achar alguém que não concorde conosco, por mais seguros que estejamos da nossa posição. Ao se apresentarem simultaneamente essas “verdades”, seu confronto acaba produzindo (ou deveria produzir) mudanças em ambas as partes. Também podemos dizer que, dentro da mesma pessoa, muitas vezes o conhecimento de alguma coisa, ainda que real, ou seja, ajustado à natureza dessa coisa, gera, como consequência imediata, erros ou enganos de diversos tipos<sup>4</sup> e isso, novamente, se constitui na fonte geradora de mudanças pelo confronto de *qíng* e *wèi*.

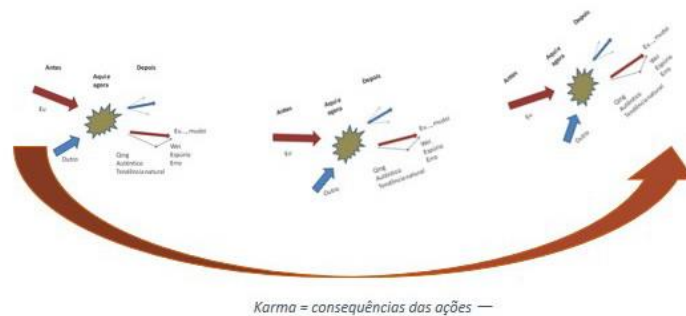
Devemos destacar a importância do papel de *wèi*, o espúrio. Primeiro, as mudanças originam-se da interação do espúrio com nossas tendências naturais que, deixadas a si mesmas, não sofreriam nem produziriam modificação alguma. Assim, a riqueza vital, introduzida na nossa vida pelas mudanças, origina-se, de certa forma, do espúrio, daquilo que não é nosso. Em resumo, o autêntico não gera mudança por si só, o que significa um estancamento; é a ação do espúrio o que provoca as mudanças, fazendo-nos progredir. A sabedoria popular de Ocidente nos diz praticamente o mesmo: “Devemos aprender com nossos erros” ou “Às vezes você precisa quebrar a cara, para amadurecer um pouco”. Segundo, não devemos cometer o erro de ver *wei* só como a origem de problemas já que ele, claramente, é também a fonte de oportunidades para nosso crescimento pessoal.

Obviamente, temos preferências sobre o resultado dessa interação mas nem sempre conseguiremos obter aquilo que gostaríamos. Como maximizar as possibilidades de influir nesse resultado? Relembrando o conceito de *semente* que foi analisado no texto ‘Como nos relacionar com nossas circunstâncias’ neste mesmo site. É ficando atento a essa semente de mudança, ao momento no qual o *qing* encontra o *wei* e antes que a inércia desse encontro determine um resultado,

---

<sup>4</sup> Por exemplo, em atitudes drásticas para afirmar e/ou impor essa verdade a outros, ou quando alguém, empolgado por possuir essa verdade, tira dela conclusões apressadas, etc.

que temos alguma chance de influir nesse resultado. O jogo entre *qing* e *wei* ilumina o significado de outro conceito fundamental da filosofia chinesa: o *karma*. No Ocidente tendemos a dar a este conceito um sentido religioso (seja ele hinduísta, budista, taoísta, etc.), vinculado a ideias como a reencarnação ou uma espécie de lei divina que dirige nossos atos. Esta vinculação limita o sentido de *karma* já que, etimológica e literalmente, em sânscrito ele significa ‘ação’ e refere-se às consequências dos nossos atos. Se consideramos as sucessivas interações entre nossos *qing* (que acabam mudando com o tempo) e os *wei*’s com que nos deparamos ao longo da nossa vida podemos observar que pouco a pouco acaba se produzindo um significativo afastamento da nossa situação inicial. O conjunto desses afastamentos, que acabam nos colocando em situações significativamente diferentes da inicial, pode ser chamado de *karma*, as consequências acumuladas das nossas ações, resultantes, pela sua vez, da interação entre o *qing* e os *wei*’s. Podemos dizer que esse *karma* será “ruim” se as interações entre *qing* e *wei* provocam em nós atitudes estabanas, entanto o *karma* será “bom” se essas



interações geram reações equilibradas e harmônicas entre nós e nossas circunstâncias.

Também podemos dizer que ‘aqui-e-agora’ somos o resultado tanto dos *qing*’s que experimentamos em momentos passados, quanto dos *wei*’s com os quais nos encontramos e da forma com que reagimos a esses encontros. Resultado, noutras palavras, de toda nossa história de vida, sejam fatos dolorosos, como acidentes, ou simplesmente a interação, amorosa ou não, com nossos pais ou amigos. Isso pode ter originado amadurecimento, crescimento como seres humanos ou frustrações, deterioro e depressão. Avaliar desta forma nosso passado pode nos permitir compreender melhor o porquê de sermos de uma certa forma no nosso presente e iluminar as possíveis mudanças que poderíamos implementar para sermos mais felizes, ou seja, mais equilibrados com nosso entorno, no nosso futuro.

Podemos estender estes conceitos, ainda que um pouco ambigualmente, à relação entre China e Ocidente. Ela é o nosso espúrio que pode fazer-nos progredir ao introduzir mudanças..., assim como nós a eles. Claro, inicialmente o espúrio provoca medo e rejeição (como aconteceu na China quando a cultura ocidental manifestou-se no seu território no século XIX), mas o efeito positivo da mudança acaba concretizando-se (como acontece na China dos dias de hoje com sua industrialização e progresso tecnológico). Como iremos a reagir agora que a China está começando a manifestar-se entre nós?



É interessante citar o capítulo inteiro do Xi Cí (A.XII.2) já que apresenta a função dos diversos elementos que se reúnem no Yi Jing:

### *Os sábios*

*exauriram suas ideias pelo estabelecimento das imagens,  
exauriram o autêntico e o espúrio pela organização dos hexagramas,  
exauriram suas palavras pela anexação dos comentários,  
exauriram o conveniente pelas transformações e suas interpenetrações,  
exauriram o espiritual pela música e a dança.*

Vemos que, na concepção dos autores do Xi Cí:

- 1) Nenhuma ideia há a expressar fora das imagens do livro, já que estas são abrangentes.
- 2) Todas as ações e reações possíveis estão refletidas nos hexagramas, ou seja, todas as situações e suas evoluções mais prováveis estão espelhadas neles.
- 3) Tudo o que há a dizer está colocado nas palavras do Julgamento e nos Textos das Linhas.
- 4) Todas as situações propícias, que o homem procura naturalmente descobrir, e as desfavoráveis, que procura naturalmente evitar, estão refletidas nas transformações dos hexagramas.
- 5) As imagens exauram as ideias, ou seja, estão no campo do intelectual. Mas o espírito do homem é muito mais abrangente, só se exaurindo com a música e a dança, ou seja, com a prática. Temos aqui um condicionante para o Yi Jing: sem prática ele não é totalmente abrangente e, nele, prática significa utilizá-lo como ferramenta de consulta como defendia Zhu Xi. Podemos acrescentar que perante a música e a dança até a filosofia cala: entanto na filosofia ocidental pouco se discutiu a música (que é um permanente *estar-sendo*), vários filósofos trataram extensamente do significado da literatura ou das pinturas, como, por ex., Merleau Ponty fez com Cezanne. A filosofia (pela sua preocupação com o 'Ser') só parece sentir-se à vontade, em geral, com aquilo que pode congelar-se no tempo (como textos e pinturas) apesar de que é próprio do espírito humano flutuar no tempo (Bergson foi uma exceção ao considerar a 'duração', espaço temporal entre dois momentos, como definição ontológica do homem).

Assim, o Yi Jing nos impulsiona a nos ocuparmos do novo que nos rodeia, a aceitar a influência das nossas circunstâncias e a não reagir a elas com temor. Mas, como compreender todos os aspectos e nuances da situação na qual estamos envolvidos? E por que o Yi Jing utiliza um método aleatório para a consulta?